

Território Retomado:
O noticiário sobre operações militares em favelas no Rio de Janeiro
Restored Territory:
The news about military operations in slums in Rio de Janeiro

Leticia Cantarela Matheus¹
Pedro Henrique Silva²

Resumo

O artigo discute comparativamente os conceitos de pânico moral, vítima virtual e cultura do risco, tendo como referencial empírico a cobertura dos jornais O Globo e O DIA sobre a ocupação policial na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Aplicando esses conceitos à cobertura sobre a “retomada” desses territórios em novembro de 2010, o objetivo é perceber se houve ou não a construção de uma ideologia do medo, como fundamentação para a política de segurança no estado. O artigo faz parte de uma pesquisa em andamento que tem por hipótese um deslocamento discursivo acerca da vítima virtual, indo provisoriamente do morador do “asfalto” para o morador do “morro”, a partir de um noticiário pautado pela euforia legitimadora do projeto governamental de segurança pública.

Palavras-chave

Pânico moral; medo; vítima virtual; risco; território.

Abstract

The article compares the concepts of moral panic, virtual victimhood and culture of risk working with the journalistic coverage from two newspapers of Rio de Janeiro, O Globo and O DIA, about military occupation of Vila Cruzeiro and Complexo do Alemão, two shantytowns on the North Zone of Rio. Applying these concepts in these specific media coverage, our objective is to investigate if the widespread notion of a “recovered territory” by the police is based on an ideology of fear at the Public Safety policy. This article is part of a research about the displacement of the virtual victimhood phenomenon in discourse from the middle class context to a slum’s resident universe as an effect of a media coverage that supports the government project for public safety.

Keywords

Moral panic; fear; virtual victimhood; risk; territory.

Submetido em 02/10/2013

Aceito em 07/11/2013

¹ Doutora em Comunicação pela UFF e professora do PPGCOM UERJ.

² Mestrando em Comunicação pela Uerj.

Introdução

As Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) representam a principal política de segurança pública do governo do estado do Rio de Janeiro. Trata-se, *grosso modo*, da implantação de postos avançados dentro das favelas, como companhias comunitárias que têm o objetivo de conter a presença do narcotráfico nesses espaços urbanos. As primeiras unidades começaram a ser implantadas em novembro de 2008, no segundo ano do primeiro mandato do governador Sérgio Cabral (PMDB), que assumiu em 2007. Ao todo, são 34 UPPs, todas na capital.

Apesar de ter sido reeleito em outubro de 2010, em parte, graças ao otimismo do eleitorado diante do novo projeto de segurança, o governador enfrentava críticas em relação à efetividade do modelo de combate à violência que, a rigor, não acabava com o tráfico de drogas, apenas inibia, num primeiro momento, a exposição de armas, os atos de barbárie e o poder dos traficantes sobre o direito de ir e vir do cidadão. Entretanto, os jornais não admitiriam qualquer vestígio de suspeição sobre a eficácia do projeto até 2013. Naquele final de 2010, a articulação de entusiasmo em relação às UPPs se encontrava numa curva francamente ascendente.

As evidências se encontram inclusive em outros trabalhos. Freitas *et alli* (2010), por exemplo, vêm monitorando a cobertura de O Globo e detectaram uma distensão na abordagem da violência urbana em períodos de megaeventos, como Réveillon e Carnaval, desde 2007, quando o Rio de Janeiro lançou sua candidatura à sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Mais acentuadamente de 2010 para cá, não só o agendamento da violência tem caído quantitativamente nos dias próximos a grandes eventos como, quando o assunto aparece, sua representação é mais branda, com destaque positivo para as medidas de segurança. Na prática, a imprensa carioca está tendo que lidar com uma representação negativa que ela própria ajudou a construir nas últimas décadas e que agora se revela inconveniente frente aos lucros que se esperam dos próximos grandes eventos. É nesse contexto pró-imagem do Rio e pró-governo que consideramos a hipótese da quebra da fronteira narrativa da vítima entre asfalto e favela.

Com pretensões à presidência da República e com claro apoio do governo federal para sua ascensão política, Cabral teve seu projeto de segurança aparentemente favorecido, e ao mesmo tempo ameaçado, pela onda de ataques ocorrida na capital em novembro de 2010. Após esses episódios, que somaram 39 mortes, 181 veículos incendiados, 70 prisões e cerca de

200 detenções, as instalações das UPPs seguintes seriam inscritas num novo tipo de agenciamento discursivo, pautado pela euforia.

Este artigo analisa o encadeamento narrativo desses acontecimentos, sob a ótica dos conceitos de pânico moral (Cohen, 1972) e de vítima virtual (Vaz, 2009; Peelo, 2006), a partir da cobertura que os jornais O Globo e O Dia realizaram entre 21 e 28 de novembro de 2010. A opção por esses impressos se deu pela complementaridade editorial e mercadológica entre eles. O Globo é atualmente o principal jornal de referência no estado, com tradicional interesse das classes A e B. Principalmente após o fim da versão impressa de seu principal concorrente, o Jornal do Brasil, em 2010, O Globo se tornou o único diário carioca dedicado a essa camada da população. Além disso, por fazer parte de um conglomerado multimídia, seu conteúdo também transita por outras publicações como o Extra e por outros meios como a TV Globo e as rádios Globo e CBN.

Embora o jornal O DIA concorra com uma parcela do público de O Globo, seu foco se volta para uma faixa intermediária, entre as classes B e C. Tradicionalmente, é um jornal com forte ligação com o funcionalismo público e com os aposentados. Atualmente, seu grande rival de mercado é o Extra, que pertence à Infoglobo. Em formato tabloide (*berliner*), integra por sua vez um conglomerado de comunicação do qual também fazem parte o popular Meia-Hora e a rádio FM O DIA.

Para realizar a análise empírica, recorreremos também aos conceitos de vítima virtual, de Vaz (2009) e de Peelo (2006), e à ideia também defendida pelo professor Paulo Vaz sobre uma cultura do risco (2005 e 2012). A principal hipótese é que, embora a cobertura da violência tenha se pautado majoritariamente pela identificação do medo por certos grupos sociais privilegiados (Vaz, 2009; Matheus, 2011), as histórias daquele novembro de 2010 colocaram excepcionalmente os moradores das favelas como vítimas que estavam finalmente sendo libertadas do domínio do tráfico. A construção das notícias sobre a "libertação de um território dominado pelo tráfico" deslocaria provisoriamente a fronteira de identificação do público com o morador das favelas, chamado desta vez de "refém do tráfico".³

1. Pânico moral

³ Neste caso, referimo-nos ao parâmetro de O Globo, pois não contamos com uma análise histórica de O DIA.

O pânico moral se caracteriza por um efeito discursivo agenciado em grande parte pela mídia, na medida em que reverbera uma espécie de histeria coletiva contra determinados personagens da vida social, percebidos como ameaças morais. O conceito foi desenvolvido pelo sociólogo americano Stanley Cohen, que o definiu como "uma situação, episódio, indivíduo ou grupo social que começa a ser definido como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; sua natureza é apresentada de modo estilizado e estereotipado pela mídia de massa." (Cohen, 1972, p. 1) Geralmente, o pânico moral é direcionado contra grupos marginalizados, que passam a ser perfilados como "demônios populares" (*folk devils*). Embora o temor possa ser infundado, Cohen lembra que seu efeito é concreto, podendo ser manifestado nas divisões sociais, na distribuição do *status* e na alteração da paisagem humana nos ambientes urbanos.

O pânico moral apresentaria algumas características sequenciais. A primeira é representada por uma condição prévia de aflição ou preocupação. Seria aquela em que o público imagina uma ameaça potencial. No caso da semana em que ocorreram as operações militares na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão, os jornais relatavam um clima de insegurança em função dos atos de violência que vinham ocorrendo em diferentes pontos do Rio. Entre o sábado dia 20 e o domingo 28 de novembro de 2010, registraram-se ataques contra carros, vans e ônibus em toda a cidade. Essa sensação prévia de aflição foi encontrada nos jornais com nitidez nas matérias que exploravam o sentimento de insegurança:

A onda de violência parece mesmo ter tirado o sossego dos moradores. No site do Globo e na página do jornal no Facebook, muitos leitores admitiram a mudança de comportamento por causa dos arrastões e outros episódios violentos, o que fez aumentar a sensação de insegurança. (...)

'O uso de insufilm, a paranoia dos sinais de trânsito e tantas outras táticas de guerrilha, que usamos diariamente são espelhos disso. A situação de violência chegou ao absurdo' escreveu Nuno Moreira no site. No Facebook, a internauta Leela Santana fez coro: 'Infelizmente, viramos prisioneiros sem cometer qualquer delito. Fica complicado sentir-se em paz'. (...)

Outros leitores mostraram que já não se sentem seguros para circular no Rio. Diminuir as saídas à noite e evitar certas áreas já fazem parte da cartilha de segurança. Mas as leitoras Lúcia Saraiva e Solange Luiz Garrido acreditam que a situação exige medidas mais drásticas: 'Estou apavorada. Só saio para o trabalho e, mesmo assim, com muito medo. À noite, ficamos eu, minha filha e minha neta presas em casa, principalmente no final de semana'. (O Globo, 25/11/2010, p. 8)

Chama a atenção nesse caso o discurso autorreferenciado, segundo o qual se percebe a construção da ideia de vítima virtual, que seria um estado subjetivo em que um leitor ou espectador que, a partir de notícias sobre o sofrimento de estranhos, passa a "conceber suas

rotinas de trabalho e lazer como perpassadas pela possibilidade de vitimização.” (Vaz, 2009, p. 2)

A segunda característica do fenômeno do pânico moral é a exibição de hostilidade direcionada a determinados grupos percebidos como “demoníacos” ou imorais, isto é, percebidos como moralmente ambíguos e, por isso, responsabilizados pelos problemas sociais. Os traficantes da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão incorporaram a figura dos facínoras que afugentam a população. Em contrapartida, os enviados militares eram traduzidos como emissários da paz, algo que se enxerga, por exemplo, em uma das legendas de O DIA de 27 de novembro: “Povo aplaude paz, mas bando só quer guerra”.



POVO APLAUDE PAZ, MAS BANDO SÓ QUER GUERRA

Oitocentos militares do Exército se juntaram às forças policiais nos acessos à Vila Cruzeiro e às 13 favelas do Alemão. Traficantes tentaram intimidá-los e forte tiroteio deixou um morto e 9 feridos. Cerca de 300 agentes federais também participaram da ação, com apoio de três blindados da Marinha, dois caveirões e dois Urutus do Exército. A população aplaudiu e tirou fotos nos blindados. > P.4a7,10e11

Fig. 1 - O DIA, 27/11/2010, p. 1: “Justiça manda prender os advogados do terror”
Fotos: Deise Rezende/ Thiago Cardoso - AFP

As duas fotografias em paralelo dividem, do lado esquerdo, militares em um caminhão do Exército aplaudidos por moradores enquanto, na imagem à direita, os traficantes da Vila Cruzeiro miram as lentes da fotógrafa. Assim, pela perspectiva subjetiva, o leitor tem a impressão que as armas estão miradas para ele também. A rígida separação entre dois lados de

uma guerra ajuda a polarizar o público frente ao acontecimento entre a adesão, e até a gratidão, ao governo e ao Estado, que proverão tranquilidade, e a repulsa por aqueles que, por outro lado, oferecem a guerra e o medo.

No domingo 28 de novembro, chamava a atenção um mesmo fato noticiado por ambos os jornais, embora com enfoques diferentes: a prisão do traficante Mister M. A matéria publicada em O Globo apresentava uma foto com o traficante sorridente com a manchete: “Do que ri o traficante mister M”. Em seguida o texto matinha a jocosidade, “ele não parece preocupado com os anos de prisão que irá cumprir.” Já em O DIA, a foto mostrava o traficante com uma expressão diferente, um olhar apático e a chamada descrevia de modo claro a prisão: “Número 2’ do Alemão, Mister M se entrega à polícia a pedido da mãe.” (O DIA, 28/11/2010, p. 1)



Fig. 2 - O Globo, 28/11/2010, p. 1 “De que ri o traficante Mister M”
Foto: Pedro Kirilos - Agência O Globo



‘Número 2’ do Alemão, Mister M se entrega à polícia a pedido da mãe

> ESPECIAL, P. 4 e 5

Fig. 3 - O DIA, 28/11/2013, p. 1: “Número 2’ do Alemão, Mister M se entrega à polícia a pedido da mãe”
Foto: UAnderson Fernandes

Dentro do período analisado, os traficantes incorporaram os *folk devils*, os demônios populares descritos por Cohen. Na matéria “Ataque ao bunker do tráfico”, a desumanidade dos bandidos era exposta:

Cúmplices ignoram bandido baleado

Na hora do desespero, nem os cúmplices foram ajudados. No alto do morro, numa estrada de terra perto de uma pedreira, um dos bandidos foi baleado e caiu. Um homem o arrastou pelo braço e o deixou na beira da pista. Apesar de o criminoso ter acenado pedindo ajuda, comparsas prosseguiram a fuga e o ignoraram. Somente minutos depois ele foi resgatado. (O Globo, 27/11/2010, p. 1)

A terceira condição para se tratar do pânico moral é haver um consenso em torno da ameaça, ou um efeito de consenso, como preferimos considerar. É como se houvesse uma espécie de acordo público de que a ameaça não apenas é real como grave, e que é preciso fazer alguma coisa. Matérias sobre a repercussão dos fatos entre a população carioca focavam explicitamente no apoio às ações das forças de Estado. As manifestações da sociedade civil, em especial de pessoas de renome cultural, como músicos, apresentadores de TV, escritores de novela, atrizes e atores, ganharam destaque como um movimento que “reavivou o sentimento de cidadania”, (O Globo, 27/11/2010, p. 34) evidentemente a partir de uma ideia espetacularizada, performática, acerca do que seja o exercício da cidadania. O parágrafo inicial da matéria dava uma clara indicação de que o caminho tomado pelo governo era indiscutível:

A guerra incendiária do tráfico teve um efeito que ninguém imaginava. Das zonas Norte à Sul, a cidade do Rio está unida, pela primeira vez, em torno do tema segurança, que sempre dividiu opiniões e suscitou críticas em relação à ação da polícia. Ao atear fogo no primeiro carro, no domingo, as facções criminosas, que se aliaram contra a política de segurança que tem como diferencial a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em morros e favelas, acenderam a fagulha de um sentimento de coletividade que

estava apagado, estimulou cariocas a acreditar na polícia, que no passado andava desacreditada, e que é possível resgatar a paz do Rio. Nas ruas, o que se vê é a população com medo, mas convencida de que o governo não pode retroceder e a guerra ao terror é um mal necessário.

Em manifestações no Twitter, atores e atrizes globais substituíram as fotos por declarações de amor à cidade. E o escritor de novelas Aguinaldo Silva clamou pela resistência da população como palavra de ordem: “A palavra de ordem, não só para as forças da lei, mas também para os cidadãos, que não podem ficar reféns da desordem é: resistir! A intenção dos bandidos é semear o medo e a desordem, e desestabilizar a vida dos cidadãos de bem. Não podemos permitir que isso aconteça.” (O Globo, 27/11/2010, p. 1)

Observa-se o mesmo nome que o governo dos Estados Unidos e a mídia americana usam para designar as operações de contra-terrorismo no Oriente Médio, “guerra ao terror” (Chomsky, 2002) foi utilizado como sinônimo das ações policiais no Rio. Enquanto isso, os leitores aderiam aquilo que o próprio Globo definiu como exageros desmedidos: “o apoio explícito, em alguns momentos, descambou para radicalismos. Um dos leitores, que se identificou como Bacuru, chegou a defender a pena de morte: ‘Somente posso pensar uma coisa: morte a esses animais’. Na sequência, outro leitor, identificado como Gogó, manteve o discurso: “A vontade do povo é a vontade de Deus: 99,99% dos cidadãos estão exigindo que esses bandidos sejam *eliminados* de uma vez por todas”. (O Globo, 27/11/2010, p. 34, grifo nosso)

As manifestações de apoio à investida policial continuaram com destaque em O Globo da edição de domingo. Na matéria “Corrente do bem se espalha na internet”, o sentimento de mudança era manifesto no *lead*:

Depois da boataria na rede, declarações de amor ao Rio e manifestações de paz (...) depois do horror e do espanto diante das notícias sobre guerra entre policiais e traficantes no Rio, cariocas e fluminenses, anônimos ou famosos, amplificam uma corrente de solidariedade à população e às forças policiais. (Depoimentos de apoio de famosos e leitores descritos no jornal. O Globo, 28/11/2010, p. 6, suplemento especial “A Guerra do Rio)

Outra matéria relata uma carta escondida numa caixa de fósforos enviada por uma moradora da Vila Cruzeiro às tropas. Nela, policiais e militares são descritos como “guerreiros” e “heróis”. (O Globo, 28/11/2010, p. 6, suplemento especial)

O quarto elemento descrito por Cohen é a desproporcionalidade: um “exagero no número e força dos casos em termos de dano causado, ofensa moral, risco e potenciais” (Cohen, 2004, p. 27). Muitas vezes, a aflição pública não é proporcional à realidade. Não pretendemos com isso minimizar o estado de violência no Rio, apenas apontar que a desproporção é um

recurso narrativo utilizado estrategicamente em momentos de apelo à repressão policial em vez de colaborar para soluções racionais e efetivas de médio e longo prazo, o que não se encaixaria no parâmetro temporal da notícia, que se pauta pelo imediatismo. A desproporcionalidade na cobertura dos eventos de novembro de 2010 se deu especialmente em relação à análise das operações militares e à euforia com que foram tratadas.

As comparações com outras ações militares se estenderam num caderno especial. Numa das reportagens, o uso de blindados chegou a ser comparado às ações dos efetivos da Blitzkrieg alemã, uma tática vitoriosa utilizadas pelos nazistas na Segunda Guerra. (O Globo, 26/11/2010, p. 2) Em outra reportagem, “A Reconquista da Vila Cruzeiro” (O Globo, 26/11/2010, p. 2), o armamento e a movimentação das tropas da polícia e da Marinha foram descritas passo-a-passo. A mobilização de toda a estrutura estatal para o combate era demonstrada com a presença do secretário estadual de Saúde Sérgio Cortês despachando do Hospital Getúlio para onde os feridos eram encaminhados. A operação ganhava ares de incursão militar expedicionária com a descrição: “médicos-bombeiros foram deslocados para a unidade, e um verdadeiro centro de atendimento de guerra foi criado para atender feridos.” E comparações com a Guerra do Iraque foram usadas de modo recorrente com referência ao desafio de retomar áreas de grupos armados.

Na reportagem “A fortaleza era de papel” (O Globo, 26/11/2010, p. 1, suplemento especial), salientava-se agora não a força do crime organizado mas a fragilidade de seu aparato. Mais uma vez, as autoridades policiais ganhavam voz no depoimento do subchefe operacional da Polícia Civil, delegado Rodrigo Oliveira: “A comunidade hoje pertence ao Estado”. O texto concluía sobre a glória, mesclada a orgulho e esperança: “desde domingo, a guerra do Rio registrou 188 prisões e 32 mortes. O balanço da operação de ontem - o nosso Dia D - não se resume, no entanto a uma contabilidade numérica. E a herança que deixará para a política de segurança do Rio - só será entendida no decorrer da batalha”.

Outra reportagem enfatizava a fuga dos traficantes, com a reprodução das imagens televisivas de seus comboios escapando pela mata. Além dessa matéria, a entrevista coletiva concedida pelo secretário de Segurança José Mariano Beltrame, após a operação, ganhou destaque com a adoção de palavras de ordem como sínteses do momento que se vivia. O título era a frase do secretário: “Quebramos um muro imposto pela guerra” (O Globo, 26/11/2010, p. 12, suplemento especial). O jornal aderiu com entusiasmo à tese da quebra de fronteiras territoriais, sendo o Dia D o dia do deslocamento do personagem vítima do asfalto para o

morador da favela finalmente libertado, embora tivesse sido até então frequentemente associado ao tráfico e retratado em certa medida como cúmplice do crime.

A “retomada” da Vila Cruzeiro continuou sendo associada a outros conflitos. Numa das matérias, a mata que fica entre as comunidades da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão chegou a ser comparada às Colinas de Golã, importantes para o Exército de Israel no confronto da Guerra dos Seis Dias contra a Síria em 1967. (O Globo, 27/11/2010, p. 19)

A associação com o Dia D, na matéria de primeira página do dia seguinte à ocupação da Vila Cruzeiro, permaneceu evidente nas reportagens seguintes e, apesar dos reflexos do conflito, o jornal adotava um tom otimista: “Vila Cruzeiro está com cinzas nas ruas e sem luz, mas moradores comemoram”. (O Globo, 27/11/2010, p. 24)

O deslumbramento com a tecnologia utilizada na operação era explorado visivelmente. Um dos repórteres embarcou num blindado da Marinha e descreveu sua experiência dentro da “estrela da operação”. (O Globo, 27/11/2010, p. 31). O tom belicoso permanecia na reportagem sobre a batalha que se anunciava: “Começa a batalha do Alemão” (O Globo, 27/11/2010, p. 14).

Após a adrenalina do dia seguinte à operação na Vila Cruzeiro, as matérias passaram a explorar a repercussão na sociedade. A postura crítica em relação às ações policiais foi identificada como proveniente de rivais e concorrentes do governador Sérgio Cabral: “Oposição critica ações do governo do estado”. (O Globo, 27/11/2010, p. 34) Além disso, mesmo descrevendo o conteúdo crítico daqueles que se posicionavam contra a operação – para alguns políticos da oposição a operação tratava-se de uma “uma lavagem cerebral” e um artifício de “enxugar gelo” -, os repórteres Marcelo Dutra e Natanael Damasceno iniciaram o texto com uma contradição entre os fatos e o argumento dos críticos: “Apesar do apoio dos mais diversos setores da sociedade, do governo federal e das Forças Armadas a guerra contra o tráfico nos complexos de favela da Penha e do Alemão, deflagrada pela polícia do Rio, ainda enfrenta a resistência de opositores ao governo Sérgio Cabral”.

A semântica belicosa da cobertura de O Globo, associada a todo um imaginário das narrativas de guerra, falava em ‘bunkers’, ‘Blitzkrieg’, ‘Guerra dos Seis Dias’ e ‘heróis da resistência’, e se intensificou no decorrer da cobertura. Adotando o discurso do trunfo da paz, O DIA também se mostrou como porta-vozes das ações do governo. Havia mapas detalhados sobre a operação, a descrição técnica do interior dos blindados, o perfil dos soldados heróis, argumentos assimilados como elogios ao avanço da tropa.

A última etapa na descrição do fenômeno do pânico moral, na acepção de Cohen, é a volatilidade. O pânico tem sua erupção e se dissipa repentinamente e sem alarde. A partir da ocupação militar, a imprensa pareceu mesmo refletir um alívio geral. A esperança deu a tônica de textos e imagens nas edições subsequentes. Por exemplo, ainda no domingo 28, O DIA publicou a história da menina que pode celebrar seus 15 anos graças à liberdade promovida pelas forças repressivas. Numa das imagens, seus familiares, também moradores da comunidade, carregam o bolo do aniversário, enquanto no fundo da foto se vê um tanque do Exército.

SONHOS E ESPERANÇA NA LIBERTAÇÃO DAS FAVELAS

Apesar do medo e da iminência de uma invasão, moradores do Complexo do Alemão aplaudem as forças da lei - ontem, 40 bandidos foram presos. Com vestido rosa de princesa, Rayane Martins, 15 anos, virou símbolo da esperança. Seu bolo de debutante foi levado pelos parentes em meio aos tanques de guerra até uma casa de festa próxima à comunidade. "Esperei muito por esse momento", disse. > P.8



Fig. 4 - O DIA, 28/11/2010, p. 1: "Sonhos e esperanças na libertação das favelas"
Fotos: Alessandro Costa/ Carlos Moraes

A própria opção pelo termo libertação ao invés de tomada, retirada, invasão, carrega um sentido político bem forte. Primeiramente porque libertação é um termo do universo político, da seara do discurso sociológico. Acrescenta-se a isso o sujeito de cada uma das ações. Enquanto nos verbos militarizados de tomada e invasão a ação joga a luz sobre o conquistador, no caso a polícia carioca, no termo libertação, o libertado é o morador das comunidades que antes estavam sob o jugo das facções criminosas. A legenda de uma das fotos transmite um sentimento de renovação: "Retrato da paz: um PM brinca com uma criança, no dia seguinte à

operação que expulsou os traficantes da Vila Cruzeiro: o sentimento geral na favela era de esperança em dias melhores.”

Os acontecimentos são encadeados no noticiário de quarta a domingo de tal forma que se torna quase natural que o ápice da cobertura seja a glorificação da vitória e o alinhamento do leitor às forças policiais e militares. As frases se sucedem edição após edição como num enredo: “força dobrada contra bandidos que impõem o terror” (O DIA, 24/11/2010, p. 6), “quartéis do exército estão em alerta máximo” (O DIA, 25/11/2010, p. 1), “na maior mobilização contra o crime das forças de segurança na História do Rio, policiais conseguem retomar a Vila Cruzeiro, área até então sob o controle absoluto do tráfico” (O DIA, 26/11/2010, p. 1), “a população aplaudiu e tirou fotos nos blindados” (O DIA, 27/11/2010, p. 1), “a dura rotina dos policiais, os heróis da resistência da ocupação na favela” (O DIA, 28/11/2010, p. 16) e finalmente “a conquista da paz tem um preço que cada um de nós deve pagar” (O DIA, 28/11/2010, p. 53) no artigo assinado por Zíbia Gasparetto. A ação se energiza até um grande momento, a invasão da Vila Cruzeiro, saboreia o alívio da paz e novamente repousa já com a vitória estabelecida no reconhecimento dos heróis (os famosos louros da vitória) e na análise de tudo pelo qual a cidade passou naqueles dias. Está completo assim um ciclo de guerra e paz, pautado da euforia à distensão.

Essa curva de adrenalina na sucessão dos acontecimentos assim como o fervor na defesa do Estado como guardião da população mostra que O DIA, assim como O Globo, chegam a posições semelhantes de enaltecimento do poderio e da presença do Estado, apesar de construírem estes caminhos sob óticas diferentes (Silva, 2011).

2. Vítima virtual

O medo de se tornar vítima de um crime funciona como mediador privilegiado da experiência urbana no Rio de Janeiro (Matheus, 2011). Esse tipo de sensação representa, mais do que uma simples questão subjetiva, um impulso de autopreservação ancorado em temores reais. Trata-se de um articulador político ideológico que privilegia os grupos que temem e que, ao mesmo tempo, ajuda a demonizar, infundadamente ou não, os grupos a serem temidos. É sobre esse jogo discursivo de distribuição de papéis sociais de que trata Paulo Vaz quando desenvolve os dois importantes conceitos de risco e de vítima virtual. Ideia semelhante se encontra em Peelo (2006).

A ideia de virtualidade da condição de vítima da violência aponta para duas perspectivas diferentes, porém conectadas. Segundo a primeira (Vaz, 2005), a virtualidade diz respeito a uma potencial condição de vítima. Isto é, diz respeito a um cálculo de risco que marca especialmente os modos de sociabilidade da classe média no Rio de Janeiro. Sair ou não na rua a tal hora, passar ou não por ali ou acolá, são decisões de grupos acudados pelo medo, autopercebidos como vítima em potencial. “Risco não é apenas oposto ao acaso, por implicar um cálculo probabilístico futuro; é também oposto ao fatalismo: o evento previsível pode ser evitado pelas ações humanas.” (Vaz *et alli*, 2012, p. 35).

Já Peelo (2006) acentua a questão da distância segura do consumo da violência, isto é, o público testemunha os crimes à distância, através da mídia, e se alinha emocionalmente com as vítimas, o que também possui implicações éticas e políticas. Seu sentido de virtualidade está mais relacionado à mediação, portanto, implica distância. Porém seria essa condição de vítima virtual o que levaria ao consenso da opinião pública em torno do pânico moral. Esse consenso seria produzido muito mais com os recursos emocionais do noticiário do que pela razão.

Portanto, os medos subjetivos são objetivados em personagens particulares. Para o noticiário sobre crimes e violência, esse mecanismo se torna central, pois alguns casos de grande repercussão passarão a servir como substrato emocional e sensorial para a interpretação de um conjunto de fatos noticiados e de todo um contexto histórico e social. Na prática, trata-se de uma batalha narrativa na construção da identificação. Com quem eu me identifico, com a vítima ou com o responsável pela ação criminosa ou pela omissão diante da ação criminosa, irá influenciar no papel político que exerço na sociedade. Assim, o direito ao medo garante poder de barganha que historicamente vem alimentando demandas repressivas contra uma parte menos privilegiada da população (Matheus, 2011).

Segundo Vaz *et alli* (2005), a mídia endereça suas histórias à classe média sistematicamente como vítima virtual. E quanto mais o crime é caracterizado como aleatório, cujo emblema, na nossa opinião, é a imagem da “bala perdida”, maior o potencial de vitimização. Ainda segundo os autores, a distribuição, na mídia, dos papéis de vítima e de criminoso amplia o estigma contra pessoas e lugares, notadamente as favelas, espacializando o risco em mapas mentais. Em 2004, apenas 16% das reportagens de O Globo que citava o termo “favela” não eram sobre o tráfico (*ibi. ibid.*, p. 8). Em 2003, 76,7% das suas primeiras páginas trouxeram chamadas sobre violência (Matheus, 2008, p. 100), sendo que, numericamente, o bairro caracterizado como mais violento naquele ano foi Copacabana, na Zona Sul.

A “vítima virtual” delimita em nossa sociedade esse sentimento de vitimação e sofrimento causado pelo outro pelos casos de violência ou catástrofe que são noticiados nos jornais. Pelo medo de que aquilo possa acontecer com ele, o leitor muda seus hábitos e se identifica com o perigo. A identificação com tais características implica a referência a uma comunidade, a um ‘nós’. A construção do ‘nós’, porém implica a construção do ‘eles’. Talvez a simultaneidade seja característica de toda posição subjetiva dominante, que pensa sua identidade como uma negação de uma identidade negativa que ela inventou, que se pensa, portanto, como um outro de um ‘outro estipulado como imoral e ameaçador’. Inserido na relação de alteridade, a relação de oposição entre como um sujeito pensante (eu) se estabelece frente a um objeto (não eu) e pode se analisar alguns processos pelos quais a mídia constrói e naturaliza discursos e práticas sobre o mundo. Ao estabelecer um agente social causador de danos anormais, estabelecemos uma realidade desejável. O ‘nós’ reconhecido como vítima separa fielmente o outro ameaçador.

Pertencem ao ‘eles’ os agentes do Estado incapazes ou corruptos; no caso do crime ou terrorismo, o ‘eles’ incluirá imagens do criminoso e do terrorista. Nessas imagens, predominam o desprezo pela vida dos outros e a presumida impossibilidade de mudar. O que talvez singularize a posição objetiva da vítima virtual é que a separação entre ‘nós’ e ‘eles’ tende a ser insuperável, sem horizonte de resolução, a não ser pela erradicação do ‘eles’. (Vaz, 2009, p. 55)

O homem de bem, portanto, é o nome que a vítima social escolheu para se resguardar e para identificar os “homens de mal”, que deixam de ser indivíduos infratores para assumirem a posição de “facínoras” e “terror”, termos utilizados na cobertura de O DIA e de O Globo. O problema do alcance destes veículos impressos está em que “assim como as ciências humanas, a mídia também possui um lugar social que a autoriza a enunciar o verdadeiro” (Vaz, 2009, p. 58) Quando se trata de fatos como estes, ocorre um processo de identificação emocional como vítima também daqueles atentados, mesmo eles ocorrendo fora da cidade do Rio ou em regiões distantes de sua casa. É a lógica do pânico à espreita, o medo do que se suspeita estar acontecendo em sua própria esquina. “Os afetos envolvidos na identificação são a compaixão, o medo e a indignação. Esses afetos estão conectados uns aos outros; adicionalmente eles envolvem crenças, notadamente sobre, a causalidade do sofrimento. O argumento se completou” (*id. ibid.* p. 59). Quando a população se sente vítima, ela tende a procurar responsáveis pelo seu sofrimento. Esses responsáveis podem ser ou os protetores que falharam ou os causadores do sofrimento. Nas imagens de O DIA quando um carro aparece

queimando, é o leitor que se sente acuado e, quando o policial mira sua arma, ele que se sente protegido. Assim também em *O Globo*, quando os blindados avançam, é o sentimento de segurança do leitor que avança com eles, aqueles são a infantaria que avançam primeiro para abrir caminho. Não à toa foram tratados como as ‘estrelas da operação’.

Vaz acaba por desenvolver o conceito trabalhando com a questão da alteridade. Ao estabelecermos um agente social causador de danos, projetamos uma realidade desejável. O ‘nós’ reconhecido como vítima separa fielmente o outro ameaçador. É a realidade cotidiana compartilhada pelos leitores e seus prazeres urbanos que estão sendo ameaçados pela violência crescente nas grandes cidades. Assim, o leitor compartilha uma comunidade imaginada (Anderson, 2008) a partir de um conjunto de experiências. Pode-se compreender dessa maneira que, de certa forma, o jornalismo coletiviza as tragédias e socializa o medo gerado por elas. De tal modo, o público reage ao emaranhado de tramas narrativas, envoltas em sentimentos distintos tais como medo, insegurança, euforia, otimismo ou vingança, reflexos de um momento histórico particular no cotidiano de uma cidade amedrontada.

Referências bibliográficas

A dura rotina dos policiais, os heróis da resistência na ocupação na favela. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. Caderno Especial. p.16.

A fortaleza era de papel. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 1.

A Reconquista da Vila Cruzeiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 2ª ed. Suplemento Especial A Guerra do Rio. p. 2.

AÇÃO do tráfico reavivou o sentimento de cidadania. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 34.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APÓS o Dia D, um cenário de destruição. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 24.

ATAQUE ao bunker do tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010, ed. nacional. p. 1.

BELTRAME promete força dobrada contra bandidos que impõem terror. *O Dia*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 6.

BLINDADO se torna estrela da operação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 31.

CHOMSKY, N. A Nova Guerra contra o terror, *Estudos Avançados*, v. 16, n. 44, 2002, p. 5 – 33.

- COHEN, S. *Folk Devils and Moral Panics*. London: Routledge, 2004 [original: MacGibbon and Kee, 1972].
- COMEÇA a batalha do Alemão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p.14.
- COMO são por dentro os blindados da Marinha usados na operação. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. Caderno Especial. p.10-11.
- CORRENTE do bem se espalha pela Internet. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 6.
- DE que ri o traficante Mister M. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010, 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 1.
- ESPERANÇA de paz na caixa de fósforo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 6.
- FREITAS, R. F.; FERNANDES, R. K. F.; NUNES, M. O.; AMARAL, R. G. S. do. *Em Nome do Espetáculo: Megaeventos, Cidades e Representações Midiáticas*. Trabalho apresentado no GT 6 - Comunicação pública, governamental e política do IV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abracorp, 2010). Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT6/GT6_Freitas_etal.pdf
- GASPARETTO, Z. A conquista da paz tem um preço que cada um de nós deve pagar. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. Opinião, p.53.
- JUSTIÇA manda prender os advogados do terror. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. p.1.
- MAPA mostra como foi a invasão da favela. Veja detalhes da ação. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. Caderno Especial. p. 6-7.
- MARINHA entra na guerra ao terrorismo. *O Dia*, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. 1ª ed. p. 1.
- MATA no alto da Serra da Misericórdia é estratégica para ocupação das favelas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 19.
- MATHEUS, L. C. O medo como mídia: estratégias de narração no jornalismo de O Globo. *Jornalismo e Narrativas. Contracampo*. Niterói (RJ): PPGCOM-UFF, 2008, pp. 97-110.
- _____. *Narrativas do Medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo*. Mauad Editora, Rio de Janeiro, 2011.
- NO site do GLOBO o desabafo de internautas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. 1ª ed. p. 8
- NÚMERO 2' do Alemão, Mister M se entrega à polícia a pedido da mãe. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. Especial, p. 4-5.
- O Dia D na guerra ao tráfico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. p. 1.
- O Rio Contra-ataca, *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. p.1.
- OPOSIÇÃO critica ações do governo do estado. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 34.

PEELO, M. "Framing homicide narratives in newspapers: Mediated witness and the construction of virtual victimhood." *Crime Media Culture* 2006; 2; 159.

PM avança para ocupar o bunker do tráfico na Penha. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 nov. 2010. 1ª ed. p. 1.

POR e-mail, mensagens de revolta e apoio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. Ed. Rio. p. 34.

POVO aplaude, mas bando só quer guerra. *O Dia*, Rio de Janeiro, 27 nov. 2010. 1ª ed. p.1.

QUEBRAMOS um muro imposto pela guerra. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 12.

SILVA, P. H. *A cobertura jornalística de O Globo e O DIA dos eventos de violência de novembro de 2010*. Monografia de conclusão de curso. Bacharelado em Comunicação. (FCS-UERJ). Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

SONHOS e Esperanças na libertação das favelas. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. 1ª ed. p.1.

TÁTICA usada pela polícia na Penha lembrou a 'Blitzkrieg'. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 nov. 2010. 1ª ed. Suplemento especial A Guerra do Rio. p. 2.

VAZ, P.; CARVALHO, C. S.; POMBO, M. F.; JULIÃO, L. Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário do crime. *Revista Fronteira*, São Leopoldo, v. 7, n.2, p. 95-103, 2005.

VAZ, P.; CARDOSO, J. M.; FELIX, C. B. Risco, Sofrimento e Vítima Virtual: a Política do Medo nas Narrativas Jornalísticas Contemporâneas. *Contracampo*, n. 25, dez de 2012, Niterói, pp. 24-42. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/291/122>

VAZ, P. Vítima virtual e mídia. *Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina*. Curitiba, março, 2009, pp. 51-69. Disponível em: http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoA_A43_pp51-69.pdf

VERBETE Alteridade. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

VERBETE UPP. Disponível em: www.wikipedia.com. Acesso em: 12/09/2013.